



Comunicação e educação em saúde: o COVID-19 na Folha de São Paulo

Communication and health education: COVID-19 in Folha de São Paulo

Comunicación y educación em salud: COVID-19 em Folha de São Paulo

José Roberto Gonçalves¹  ; Tamara Tomitan Richter²  ; Tiago Franklin Lucena³  ;
Tânia Maria Gomes da Silva⁴ 

RESUMO

A pandemia da Covid-19 oferece uma boa oportunidade para a reflexão sobre comunicação, jornalismo e saúde. Este artigo buscou analisar como a Folha de S. Paulo reportou a Covid-19 nos três primeiros meses de pandemia. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa e de suporte documental que analisou os títulos de matérias veiculadas de 1º de janeiro a 31 de março de 2020. Os dados foram analisados na perspectiva da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que houve a construção de uma narrativa que buscou associar o vírus à China, contribuindo para situações de xenofobia, além de pensar a doença como um problema distante. Evidenciou-se ainda que nesses primeiros momentos, aspectos econômicos ganharam maior visibilidade, com associação clara entre pautas de saúde e mercado financeiro, com pouca atenção aos determinantes sociais de saúde.

Palavras-chave: Comunicação em Saúde; Covid-19; Promoção da Saúde.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic offers a good opportunity for reflection on communication, journalism and health. This article sought to analyze how Folha de S. Paulo reported to Covid-19 in the first three months of the pandemic. It was a qualitative approach investigation and documentary support that analyzed the titles of articles published from January 1st to March 31st, 2020. The data were analyzed from the perspective of content analysis. The results showed that there was the construction of a narrative that sought to associate the virus with China, contributing to situations of xenophobia, and that the disease was thought of as a distant problem. It was also evident that, in the first moments, economic aspects gained greater visibility, with a clear association between health guidelines and the financial market, with little attention to the social determinants of health.

Keywords: Covid-1; Health Communication; Health Promotion.

¹ Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Mestre em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá/PR - Brasil. E-mail: jrjgsinop@hotmail.com

² Graduada em Psicologia e Mestranda em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá/PR - Brasil. E-mail: tamara.richter@hotmail.com

³ Doutor em Arte e Tecnologia e Professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá/PR - Brasil. E-mail: tiagofranklin@gmail.com

⁴ Doutora em História e Professora do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá/PR - Brasil. E-mail: tania.gomes@unicesumar.edu.br

RESUMEN

La pandemia de Covid-19 ofrece una buena oportunidad para la reflexión sobre comunicación, periodismo y salud. Este artículo buscó analizar cómo Folha de S. Paulo reportó el Covid-19 en los primeros tres meses de la pandemia. Se trata de una investigación con enfoque cualitativo y soporte documental que analizó los títulos de los artículos publicados del 1 de enero al 31 de marzo de 2020. Los datos fueron analizados desde la perspectiva del análisis de contenido. Los resultados mostraron que hubo la construcción de una narrativa que buscaba asociar el virus con China, contribuyendo a situaciones de xenofobia, además de pensar en la enfermedad como un problema lejano. También se evidenció que, en estos primeros momentos, aspectos económicos cobraron mayor visibilidad, con una clara asociación entre las guías de salud y el mercado financiero, con poca atención a los determinantes sociales de la salud.

Palabras clave: *Comunicación en Salud; Covid-19; Promoción de la salud.*

1. INTRODUÇÃO

O direito à informação é um dos componentes fundamentais da cidadania e garantido por lei desde a redemocratização do país, alinhado à liberdade de expressão (FARIA, 2020). Nesse contexto, ter uma imprensa livre e a prática de um jornalismo ético e diversificado é essencial para a formação do debate e da opinião pública (BURKE; BRIGGS, 2006). Há muito se admite que os meios de comunicação têm papel decisivo na disseminação de notícias capazes de influenciar a vida das pessoas (VILLELA; NATAL, 2014). No âmbito da saúde, a informação é um elemento estratégico para a tomada de decisões em ações capazes de promover saúde e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Ademais, a comunicação desempenha papel fundamental para ações de Promoção da Saúde e se constitui num tripé essencial para esse campo do conhecimento (NARDI, 2018; ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

A completa e correta disseminação de informações ganha ainda mais destaque em situações de riscos e emergências de saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018). Os veículos de comunicação têm papel contributivo especial nos momentos de excepcionalidade, como na atual pandemia da Covid-19, que teve início em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. A Covid-19 é o nome dado à doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2, um tipo de coronavírus, cujo significado, em tradução livre, quer dizer: Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2. Em março de 2020, quando o número de óbitos chegava a 110 mil, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia e recomendou isolamento social (SILVA, BERNUCI, 2020).

A Covid-19 potencializou o poder dos meios de comunicação que passaram a apresentar diuturnamente o número de contaminados e de mortos, os epicentros da doença e ações políticas ao redor do mundo. Nesse ambiente de incerteza, as informações advindas dos meios de comunicação de massa ajudavam a formar a opinião da população, o que nos permite pensar o quanto a mídia pode ter afetado a percepção sobre a doença no curso da pandemia.

Analisar como problemas de saúde pública são reportados à população é essencial para que os pesquisadores de promoção da saúde identifiquem estratégias mais eficientes de orientação, atentos ao fato de que a matéria jornalística é uma entre tantas outras narrativas possíveis. Portanto, a pandemia da Covid-19 oferece uma boa oportunidade para a reflexão sobre comunicação, jornalismo e saúde. Considerando um veículo de enorme circulação no país, este artigo buscou analisar como a *Folha de S. Paulo* reportou a Covid-19 nos três primeiros meses da pandemia.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, de caráter documental e que tomou como suporte teórico as discussões sobre os meios de comunicação e a promoção da saúde. O exame do material seguiu a análise de conteúdo de Bardin (BARDIN, 2016). Esse tipo de análise possui como função primordial o desvendar crítico e visa trabalhar com diferentes fontes de dados, entre elas, material jornalístico. A unidade de registro adotada foi temática: Covid-19, coronavírus, pandemia ou SARS-Cov-2.

A *Folha de S. Paulo* foi fundada em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha. Ao lado de O Globo, Correio Braziliense e o Estado de S. Paulo, a Folha é um dos periódicos de maior circulação no país (OLIVEIRA *et. al*, 2012). Utilizou-se inicialmente o banco de dados disponibilizado pelo próprio veículo *Folha de S. Paulo* por meio do seu acervo *on-line*. Foram selecionados todos os títulos das reportagens de primeira página que versavam sobre o coronavírus no período de 1º de janeiro a 31 de março de 2020. Em seguida, foram considerados pontualmente os títulos, sem observar relações com os autores ou tipo de textos. Para auxiliar na análise de conteúdo (BARDIN, 2016), após a coleta dos dados, os títulos das matérias geraram nuvens de palavras usando do sistema disponibilizado no *site* <https://www.wordclouds.com/> que permite visualizar a incidência de uma determinada palavra/termo e representar sua maior recorrência nos textos por meio da dimensão ocupada numa imagem.

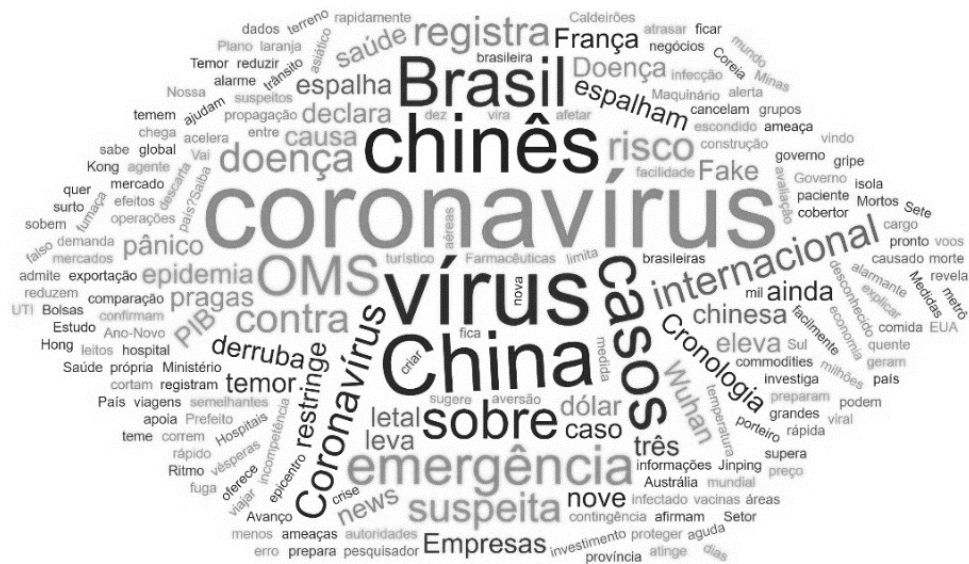
As nuvens de palavras permitiram visualizar a recorrência de alguns termos que levaram à identificação de três categorias temáticas: *i*) consequência na economia; *ii*) comportamentos; e *iii*) dinâmica, dúvidas e respostas da ciência.

3. RESULTADOS

Foram 324 inserções que faziam referência diretamente ao coronavírus, assim distribuídas: 56 em janeiro, 113 em fevereiro e 755 em março. As inserções foram alocadas em 19 editorias sendo que 09 delas com o aparecimento apenas no mês de março e excluídas da plotagem. São elas: Folhinha e Guia Folha com apenas uma inserção em março, cada; MPME (três); TEC (duas); Turismo (quatro); Sobre Morar (uma); Sobre Rodas (uma); Ciência (quatro); Caderno Especial (dezessete).

Os títulos do mês de janeiro colocavam o vírus como um problema ainda não preocupante: 24/01 - "*Coronavírus chinês não é emergência internacional, diz OMS*". Os textos destacavam as consequências do vírus na economia chinesa: 30/01 - "*Vírus atinge áreas que geram 54% do PIB chinês*", e o impacto nas economias dos outros países se dava como uma consequência da relação comercial: 30/01 - "*Doença deve reduzir a demanda chinesa por commodities e afetar preço, diz pesquisador*". Houve associações diretas entre o vírus com o local do seu surgimento no uso da expressão "vírus chinês": 24/01 - "*Para OMS, vírus chinês ainda não é emergência*"; 25/01 - "*França e Austrália confirmam casos de vírus chinês*" e 28/01 - "*Coronavírus chinês derruba mercados*".

Figura 1- Nuvem de palavras, janeiro de 2020



Fonte: Os autores.

Em fevereiro houve diversas menções às consequências econômicas e as tentativas científicas em produzir respostas ao vírus. Os títulos destacaram as medidas preventivas e as mudanças de comportamento inauguradas pela epidemia. Nesse mês, especialistas e autoridades brasileiras se mostraram preocupadas quanto ao impacto da epidemia no país, com destaque sobre a importância do Sistema Único de Saúde (SUS), debates da geopolítica, comparação entre sistemas de saúde e sobre a repatriação de brasileiros que viviam na China. Também houve menções à propagação do vírus em outros países, como Estados Unidos e Itália.

Figura 2- Nuvem de palavras, fevereiro de 2020



Fonte: Os autores.

Com a chegada da epidemia no Brasil, confirmada em março e com os primeiros casos de morte, percebemos que os títulos focaram em informações sobre os métodos preventivos (lavar as mãos, limpar o celular, tirar os sapatos ao entrar em casa). Expectativas sobre como o sistema de saúde lidaria com o e posições do governo, em especial frases ditas pelo atual presidente Bolsonaro, ganharam destaque nesse mês. Necessidade de mais testes e menção à crise e mortes também em

outros países deram uma imagem que a saúde poderia colapsar e que o problema poderia se agravar muito no país.

Figura 3- Nuvem de palavras, março de 2020



Fonte: Os autores.

3.1 Análise categorial

Na categoria “consequência na economia” foram agrupados 31 títulos que faziam menção ao impacto econômico do vírus na China, nos mercados de ações e bolsas de valores, nas economias dos países, nos riscos de desemprego, demissões e ajudas econômicas aos Estados. São alguns exemplos: “*Com aversão a risco e temor de vírus na China, dólar supera R\$ 4,20*”, em 22 de janeiro; “*Coronavírus leva temor ao mercado e derruba Bolsas*”, em 28 de janeiro; “*Empresas brasileiras na China temem efeitos do coronavírus em negócios*”, em 29 de janeiro. Em 02 de fevereiro, a preocupação maior ainda é a economia: “*Epidemia faz real ter pior janeiro em dez anos*”. Durante todo o mês, o jornal continua destacando esses aspectos, evidenciando o comprometimento da economia mundial. No dia 28, por exemplo, lê-se: “*Bolsas nos EUA têm uma das piores semanas da história*”, só para citar alguns exemplos.

Na categoria “comportamentos” foram agrupados 21 títulos. Nota-se que uma nova sensibilidade se instalou: “*Usando máscaras, budistas fazem orações*”, em 02 de fevereiro; “*A partir de agora, beijo só nos cães*”, em 07 de fevereiro; “*Igrejas vetam que fiéis deem as mãos em missas*”, em 03 de março. Em 16 de março, dois títulos se destacam: “*Preveno quarentena, paulistano lota restaurantes e dá adeus ao verão*” e “*Jovens ainda vão às baladas em Berlim, apesar do coronavírus*”. Ainda em março, o jornal se preocupou em passar informações sobre como se proteger do vírus e alguns de seus títulos buscavam ensinar como limpar o celular, a necessidade de os infectados limpar o banheiro a cada uso e a importância de lavar as mãos.

Destacando o isolamento social e o confinamento doméstico, a *Folha de S. Paulo* mostrou a dificuldade da hiperconvivência e ressaltou que a pandemia era a chance para ler livros de mais de mil páginas e, ainda, que havia um aumento de busca por filmes pornôs, embora as gravações estivessem restritas.

Na categoria “dinâmicas, dúvidas e respostas da ciência” 19 títulos se referiam às pesquisas que se iniciavam estimuladas pelo surgimento da Covid-19. No dia 03 de fevereiro, o jornal noticiava que o novo coronavírus gerava ações sociais, médicas e científicas nunca vistas e destacava a rapidez no sequenciamento genético. Em 27 de fevereiro, a manchete era “*Empresa dos EUA anuncia a*”

primeira vacina experimental' e no dia 15 de março, de forma menos otimista, afirmava: "Por que vacinas para CoV-2 vão demorar". Quatro dias depois, o jornal voltava a animar o leitor: "Remédio japonês tem efeito positivo em teste contra coronavírus". Mas o que merece destaque nessa categoria foi mesmo a atenção dada à importância da ciência: 19/03 - "Coronavírus pode mostrar o risco de políticos que desprezam a ciência"; 21/03 - "Desprezo sobre a ciência é grave e pode provocar consequências desastrosas"; 26/03 - "Pesquisa não vê diferença no uso de hidroxicloroquina"; 31/03 - "Ciência, e não achismo nos levará ao sucesso".

Figura 4- Capa do Jornal Folha de São Paulo em 18 de março de 2020



Fonte: Folha de S. Paulo (2020)

4. DISCUSSÃO

Os dados mostraram a construção de uma narrativa do vírus, que saiu de um "lugar-distante", a China, e chegou ao Brasil. Em janeiro poucas menções foram feitas pelo Jornal, apontando para a ideia de que o vírus não representava um perigo. Aos primeiros casos no Brasil (fevereiro) e às mortes (março) somaram-se as especulações quanto à efetiva capacidade de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), as consequências para a economia e os novos comportamentos resultantes do isolamento social. Em poucas semanas o tratamento noticioso abraçou a ideia de risco iminente e a falta de respostas da ciência criou um sentimento mais efetivo de que havia a necessidade da população se isolar. No final de março, o jornal apresentou diversos textos que tratavam das medidas de prevenção, com ênfase na importância do isolamento social.

O isolamento social é uma medida determinada pelas autoridades sanitárias e de regiões específicas do país. Algumas pesquisas apontam dados que afirmam que o isolamento tem causado consideráveis impactos na vida das pessoas, notadamente pela indefinição do tempo de duração dessa medida de controle (SILVA, BERNUCI, 2020).

Em relação à percepção das pessoas a respeito do isolamento, percebeu-se uma variação conforme determinadas variáveis: econômica, de saúde e ambiental. Observou-se que os mais pobres estão em menor isolamento e que problemas financeiros comprometeram a rotina das famílias; evidenciou-se alteração do sono, diminuição da prática de exercícios físicos e aumento de problemas psicológicos; maior carga de estresse em relação ao tipo de habitação (quando mais restrito, por exemplo, sem área verde, maior o sentimento de enclausuramento). A falta de convívio social tem sido um dos principais problemas do isolamento. Ainda que a maioria da população esteja disposta a ficar em casa, encontra-se exposta a alto grau de estresse, o que sugere a necessidade de se criar ações de comunicação específica para mitigar esse problema. Propõem-se também, a urgência de medidas de proteção social e suporte financeiro, prioritariamente para os segmentos sociais mais vulneráveis nesse momento de crise (BEZERRA *et al.*, 2020).

Acompanhar a narrativa criada pelos textos no veículo de comunicação a respeito de todos esses sentimentos e ações que vêm ocorrendo, permite reconstruir a história da pandemia e os temas que a ela estavam sendo relacionados. É interessante destacar que em suas diferentes apresentações, a mídia é também um instrumento importante para a compreensão e a explicação da história. O jornal, especificamente, é testemunha preciosa dos acontecimentos, situações e atores históricos de um determinado tempo e espaço, considerado um construtor efetivo do cotidiano (WOITOWICZ, 2015).

As informações gravadas nos veículos de comunicação serão documentos futuros das diferentes interpretações e evolução da pandemia e da ciência nos anos da Covid-19. Apesar de já se configurar como um dos principais eventos desse novo século, epidemias e pandemias não são fenômenos novos. Muito antes da globalização moderna, que levou ao extremo os deslocamentos de mercadorias e pessoas, o mundo foi assolado por peste bubônica, varíola, cólera, gripes (LUCENA; OLIVEIRA, 2020). Para Delumeau (2009), nas caravelas e navios não viajavam apenas homens sedentos por metais, aventuras e oportunidade de difundir a fé, mas também vírus e bactérias. Para este autor, a história do desenvolvimento civilizacional europeu é acima de tudo uma história do medo das doenças.

Atualmente, um vírus pode ir de Paris a Tóquio em menos de 24 horas, mas já no século XIV, sem a existência de aviões ou cruzeiros, a peste negra disseminou-se da Ásia Oriental à Europa Ocidental em pouco mais de uma década. Em 1918, estima-se que a gripe espanhola tenha infectado mais de um quarto da espécie humana (HARARI, 2020). Desde então, as epidemias têm aparecido em diferentes momentos e lugares, com diferenças nas suas incidências.

Olhando para os títulos das matérias após um ano do início da pandemia, percebemos documentos históricos do medo e da incerteza que marcaram a fase inicial, bem como as dificuldades impostas pelo governo brasileiro para a divulgação dos dados referentes ao número de mortes diárias, o que obrigou à formação de um consórcio dos veículos de comunicação (inclusive a *Folha de S. Paulo*) para a coleta e tratamento dos dados das Secretarias de Saúde dos Estados (AMARAL, 2020).

Pode-se trazer para reflexão a xenofobia presente na expressão “vírus chinês”, frequentemente utilizada. Identifica-se uma associação do vírus à China, contribuindo para emergência de preconceito e intolerância ao que é estrangeiro mais especificamente, neste caso, aos asiáticos de maneira geral. Xenofobia é medo e rejeição ao estrangeiro visto como o “outro” que nos agride com seu modo “incivilizado” de falar, alimentar, vestir, rezar, enfim, de ser e viver (NETO *et al.*, 2020). Sua cultura, diferente daquela que validamos como ideal e superior (a nossa), tem sido, ao longo da história, uma justificativa para comportamentos desumanos.

O conceito de etnocentrismo expressa a ideia de uma centralização étnica, da aceitação apenas do igual e ódio às culturas diferentes. É o que se apresenta nas narrativas xenófobas encontradas nos títulos e matérias produzidas em alguns países, a partir da disseminação do coronavírus. Comentários, afirmações e insultos dirigidos aos chineses, japoneses, coreanos e asiáticos os colocaram em posição de culpados pelo surgimento do vírus (KOHATSU; SAITO; ANDRADE, 2021).

4.1 Economia

Quanto aos aspectos econômicos percebemos em janeiro um grande número de títulos que também associavam a China como a origem do vírus. Os títulos articulavam o "vírus chinês" com impactos econômicos naquele país e possíveis consequências para nossa economia. Ainda não se previa ou sentia que o vírus podia chegar no Brasil: 30/01 - "*Vírus atinge áreas que geram 54% do PIB chinês*"; 24/01 - "*Coronavírus chinês não é emergência internacional, diz OMS*"; 27/01 - "*Sete pragas da China ajudam a explicar a rápida propagação da nova doença viral pelo mundo*"; 28/01 - "*Coronavírus chinês derruba mercados e associações com outras doenças do local*"; "*Além da Covid-19, peste bubônica e pandemias de gripe têm raízes na China*".

A globalização e interdependência das economias na lógica capitalista contemporânea começaram a indicar relações entre as bolsas e o dólar: 22/01 - "*Com aversão a risco e temor de vírus na China, dólar supera R\$ 4,20*"; 28/01 - "*Coronavírus leva temor ao mercado e derruba Bolsas*"; 28/01 - "*Vírus ameaça PIB chinês e economia global*"; 30/01 - "*Doença deve reduzir a demanda chinesa por commodities e afetar preço, diz pesquisador*". Assim o enquadramento noticioso dado pelos títulos atendeu a uma agenda globalizante e da economia de mercado.

A forte associação entre a Covid-19 e a economia apresentada em outros veículos de comunicação (TV e rádio) se confirmou com nossa pesquisa quando observamos grande atenção dada pelo veículo *Folha de S. Paulo* para o determinado tema. Com o imbricamento cada vez mais claro entre pauta de saúde e mercado percebemos que pouca atenção fora dada aos determinantes sociais da saúde (raça, etnia, gênero, territorialidade, p.ex.), fato que já fora observado em outras pesquisas que apontaram essa ausência no tratamento de outras doenças (GARCIA, 2017). Assim, os meios de comunicação podem contribuir para ações preventivas de saúde pública (FRANÇA; ABREU; SIQUEIRA, 2004), mas não se pode esquecer que a matéria jornalística passa por fenômenos de espetacularização, simplificação, reducionismo, elitismo temático e instrumentalização ideológica (KUSCINSKY, 2002).

Por ser uma questão humanitária sanitária, os problemas causados em decorrência do novo coronavírus exigiram do Sistema Único de Saúde (SUS) ações imediatistas, e trouxeram graves riscos à economia brasileira, o que ficou exemplificado com 32 menções sobre os impactos negativos da pandemia no setor econômico, todas elas com destaques daquelas edições. Muitos títulos da *Folha de S. Paulo* enquadraram o SUS como ineficiente e incapaz de dar conta da pandemia, quando se deveria ressaltar justamente que sem esse sistema de saúde pública a situação seria muito mais dramática (SILVA; RASERA, 2014).

Kuscinsky (2002) alerta também que, em tempos de neoliberalismo, a própria saúde passa pelo mesmo processo de mercantilização. Há segundo este autor um elitismo por parte não apenas dos médicos, mas também dos jornalistas que se interessam, prioritariamente, por doenças que afetam as pessoas mais ricas. Por conta disso, cabe pensar que o jornalismo e a própria medicina não se mostraram interessados na análise dos processos sociais de produção da doença, tratando apenas das manifestações desse processo.

A lógica neoliberal que norteia o mercado mostrou dar menos atenção às vidas humanas do que à economia, embora em países como o Brasil tenha ficado evidente que sem o Estado, isto é, o Sistema Único de Saúde (SUS), não é possível superar a pandemia (SANTOS, 2020).

A ausência de líderes tornou o cenário sombrio e intensificou o valor da informação. Tudo interessa nessa hora em que cada ser humano espera, fragilizado, pelo toque da doença, emudecido diante da morte de um ente querido ou a de um desconhecido qualquer. Em tempos da Covid-19 ganhou efetivo sentido a frase "A morte de cada homem me diminui, porque eu faço parte da humanidade; eis porque nunca pergunte por quem os sinos dobram, eles dobram por mim" (DONNE, 2007).

Também foi interessante destacar que a China, constantemente relacionada como epicentro da pandemia, foi depois classificada como um exemplo no combate à propagação do vírus, e novamente sua recuperação econômica e o controle chinês foi-foram destacados nos seguintes títulos: 29/03 - "*Medidas da China contra vírus reduziram poluição e salvaram vidas*"; 30/09 - "*Estado de SP tem 06 vezes mais mortes por dia que a China*".

Portanto, em tempos pandêmicos estreita-se a importância da relação entre comunicação e saúde tornando-se imperativas notícias sobre a etiologia das doenças, tratamento e modos de transmissão (CHALHOUB, 2017).

4.2 Comportamento

Quando os aspectos comportamentais são listados, observa-se que, no que se refere à promoção da saúde e alertas com cuidados à pandemia, o mês de janeiro passou sem ter nenhuma menção na primeira página do jornal. Entende-se a falta de menções no primeiro mês do ano de 2020 em virtude de pouco ainda se conhecer e se divulgar a respeito do tema - principalmente por se tratar de um contágio que não se acreditava se espalhar pelo mundo, concentrando-se apenas na China e/ou em países vizinhos. Entretanto, no mês de fevereiro, as menções nesse sentido começam a surgir, mas ainda de forma tímida. Observa-se que em apenas três dias houve a inclusão dos cuidados com a pandemia na primeira página do jornal. O cenário já se altera quando se inicia o mês de março, momento no qual em dezoito oportunidades ganhou projeção de destaque na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*.

Destacamos alguns títulos que se encaixam neste aspecto importante de prevenção. Como é o caso da chamada do dia 06 de março de 2020, que alerta para a questão de que "*Mãos limpas previnem doenças*"; no dia seguinte de março, a manchete chama a atenção dos leitores para "*Como parar de tocar seu próprio rosto e prevenir o contágio*". Outra manchete que merece destaque e mostra a preocupação do veículo em alertar seus leitores dos riscos provocados pela pandemia está apresentada na edição do dia 14 de março com o título de "*Saber cozinhar salva a vida na pandemia*". Aqui, a associação é a de que permanecer em casa e cozinhar seu próprio alimento pode reduzir os riscos de contaminação. Houve também relações com a economia de serviços de *delivery*, que cresceram com a demanda dada pelo isolamento social.

A preocupação do periódico em alertar a população fica evidenciada também no destaque selecionado pelo jornal no dia 15 de março, quando o alerta é feito principalmente para os já infectados pelo novo coronavírus e com a Covid-19 em desenvolvimento, ao ensinar que "Isolados dentro de casa, infectados devem limpar o banheiro a cada uso". E, por fim, merece destaque neste artigo a chamada do dia 18 de março com referência para "A arte de lavar as mãos".

Esses títulos com essas dicas de comportamentos, no entanto, são pontuais. Não se verificou nos títulos considerações sobre determinantes sociais de saúde (DSS). Lucena e Gonçalves (2020), por exemplo, perceberam que atingindo e criando o temor na classe média, as dicas de prevenção focavam em aspectos que eram complicados para a classe mais popular: passar álcool em gel ou, como os autores falaram que a recomendação era para ficar em casa, “para quem tem uma”. A responsabilização individual e coletiva pelo aumento dos números de casos no Brasil é sem dúvida um fato interessante de ser destacado, enquanto os títulos sugerem atitudes que os cidadãos deviam tomar, o presidente Bolsonaro, em 20 de março, diminuía a relevância do vírus: “Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro sobre coronavírus” (URIBE; CHAIB; COLETTA, 2020). Foi-se verificado então a importância do veículo de comunicação em contradizer as autoridades e assim ensinar o que se determina como correto.

Para Botton (2015), através dos meios de comunicação esperamos aprender o que é certo ou errado. Reproduzindo Hegel, para quem as sociedades se modernizam quando o noticiário passa a ocupar o lugar da religião como fonte de orientação e referencial de autoridade, Botton afirma que o nosso dia transcorre numa sequência de programação quase religiosa de notícias, mas alerta que, embora as notícias pareçam transparentes, elas têm prioridades muitas vezes específicas, podendo influenciar nossa visão de mundo.

Ressalte-se, no entanto, que discutir a pandemia sem considerar os determinantes sociais de saúde como classe, raça, gênero, sexualidade, entre outros pertencimentos, apequena qualquer discussão sobre o processo saúde-doença. Especialmente porque, momentos de incerteza como os da Covid-19 além de comprometer a economia, a comunidade e a cultura, têm profundas consequências sobre a saúde física e mental das pessoas, com reflexos imprevistos nos anos posteriores (LUCENA; OLIVEIRA, 2020).

Assim, o jornalismo pode ter assumido seu papel como uma ferramenta de construção da democracia e do direito dos cidadãos (KUSCINSKY *et al.*, 2006). O jornalista profissional pode narrar os fatos visando alternativas que auxiliem os indivíduos sobre as questões tratadas que não são visíveis para ele. De acordo com Kuscinsky *et al.* (2006), a mídia não pode ser considerada mero instrumento à disposição dos indivíduos, de grupos informais ou organizados para conhecimento de fatos, mas também como responsável por reproduzir as relações sociais de desigualdades, atribuindo sentidos ao mundo, em correspondência com a dinâmica econômica da sociedade atual.

4.3 Dinâmicas, dúvidas e respostas da ciência

No que se refere ao campo da comunicação, a descoberta da Zika no Brasil em 2015 e 2016 gerou especial colaboração entre profissionais da saúde com os jornalistas, focados no sofrimento das mães e seus bebês atingidos pela microcefalia (condição neurológica em que o perímetro cefálico encontra-se menor que o normal). Vimos que descobertas da ciência eram constantemente reportadas, sendo necessário que os especialistas da área da saúde, promotores da saúde e jornalistas interagissem sobre o dever de comunicar a população, por conta das dúvidas e respeito ao tema, inclusive esclarecendo-a sobre notícias falsas (AGUIAR; ARAÚJO, 2016).

Esse sentimento ficou potencializado globalmente no contexto da Covid-19, uma vez que o ambiente de se amplificara ainda mais. Assim, descobertas pontuais em outros países, foram sendo reportadas a conta-gotas no jornal. Títulos sugeriam os esforços colaborativos da ciência, como se pode verificar: 27/02 - “*Empresa dos EUA anuncia 1ª vacina experimental*”; 06/03 - “*Cientistas identificam como*

novo coronavírus invade células humanas". E da relevância da ciência: 21/03 - "*Desprezo sobre a ciência é grave e pode provocar consequências desastrosas*".

Apesar do assunto relacionado ao coronavírus ter de forma gradativa ganhado espaço na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* nos três meses de análises, ainda ficou muito predominante uma maior preocupação com a economia. Assim, permanece um pouco de lado o alerta em destaque merecido para mais ações de prevenção e medidas de segurança da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise das publicações do jornal *Folha de S. Paulo* entre os meses de janeiro e março de 2020, período em que o mundo tomou conhecimento do novo coronavírus e a Covid-19 se tornou um problema pandêmico, percebe-se que, no transcorrer das semanas, o assunto foi se difundindo pelos cadernos e nas mais variadas editoriais, ganhando significância. Importante salientar que a partir do momento em que se teve maior conhecimento sobre como o vírus agia e a velocidade com que se propagava, as publicações foram caminhando na direção de validação da ciência, trazendo com necessário destaque as descobertas feitas pelos membros da comunidade científica. Há uma contribuição que a humanidade ficará a dever ao SARS-CoV-2 - o fato de que a despeito de todas as mazelas provocadas por ele, terminou por mostrar à humanidade que a ciência continua sendo a grande resposta nos momentos de caos. Não a única, certamente, mas a mais segura. E se, como foi demonstrado, num primeiro momento a preocupação econômica deu a tônica das reportagens, o número assustador de mortes foi, pouco a pouco, promovendo uma sensibilização do olhar, conquanto se deva lamentar o fato de que os determinantes sociais de saúde, notadamente desigualdades de classe e raça tenham recebido pouca atenção do jornal, ao menos nos meses analisados.

É possível que após o término desses tempos sombrios da Covid-19 as pessoas voltem para as ruas sem se lembrar da tristeza que foi tê-las visto vazias; que os *shoppings* novamente sejam espaços de consumo desenfreado e que os abraços e entrelaçamento de mãos uma vez mais se banalizem. É possível que passada a pandemia a confiança na ciência reflua aos níveis de ignorância que a antecederam. Mas, se tudo é possível, convém, no entanto, realizar o exercício dialético de pensar que, ao contrário, o que emergirá da pandemia será, para o bem de todos, um mundo mais humanizado para se viver.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, R.; ARAÚJO, I. S. A mídia em meio às 'emergências' do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2016. Doi: <https://doi.org/10.29397/reciis.v10i1.1088>. Disponível em: <https://www.reciiis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1088>. Acesso em: 18 out. 2020.

AMARAL, B. Coronavírus: TIM e Prefeitura do Rio assinam acordo para coletar dados de deslocamento, **Teletime – Informação Independente e Confiável**, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://teletime.com.br/23/03/2020/coronavirus-tim-e-prefeitura-do-rio-assinam-acordo-para-coletar-dados-de-deslocamento/>. Acesso em: 18 out. 2020.

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. 152p. (Coleção Temas em Saúde).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 280p.

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M.; SOARES, F. R. G. *et al.* Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2411-2421, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2021.

BOTTON, A. **Notícias: manual do usuário**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. 240p.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia**: de Gutenberg à Internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 346p.

CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 280p.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 696p.

DONNE, J. **Sonetos de meditação**. São Paulo: Landmark, 2007. 143p.

FARIA, J. E. (org.). **A liberdade de expressão e as novas mídias**. São Paulo: Perspectiva, 2020. 184p.

FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemia de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1334-41, 2004. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000500028>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2004000500028&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 maio 2021.

GARCIA, M. P. **Disseram por aí: deu zika na rede! boatos e produção de sentidos sobre a Epidemia de Zika e Microcefalia nas redes sociais**. 2017. 239f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, RJ, 2017. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/23607/2/marcelo_garcia_icict_mest_2017.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.

HARARI, Y. N. **Notas sobre a Pandemia**: breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128p.

KOHATSU, L. N.; SAITO, G. K.; ANDRADE, P. F. d. Imigração, mídia e xenofobia: a ameaça imaginária em questão. In: SILVA, P. F.; BORZUK, C. S.; GONÇALVES JUNIOR, G. **Teoria Crítica, Violência e Resistência**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 125-146.

KUSCINSKY, B. O jornalismo e os dilemas da bioética. In: SANTOS, A. (org.). **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública; FUNED, 2006. p. 15-41. Disponível em: http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno_midia_e_saude_publica.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.

- KUSCINSKY, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 95-103, jul. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2020.
- LUCENA, T. F. R.; OLIVEIRA, A. L. G. Arte, comunicação e pestes. *In*: SILVA, T. M. G.; BERNUCI, M. P. (org.). **Olhares interdisciplinares sobre a pandemia de Covid-19**: abordagens para a promoção da saúde. Maringá: Massoni, 2020, p. 47-70.
- NARDI, E. L. Gestão democrática do ensino público na educação básica: dimensões comuns e arranjos institucionais sinalizados em bases normativas de sistemas municipais de ensino. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 68, mar./abr. 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.57218>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602018000200123&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 maio 2021.
- NETO, M.; GOMES, T. O.; PORTO, F. R. *et al.* Fake News no cenário da pandemia de Covid-19. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 25, e72627, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72627>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- OLIVEIRA, E.T. O pequi no noticiário: análise dos resultados de uma pesquisa na busca do site Folha de S. Paulo. **Comun.& Inf.**, v. 15, n. 2, p. 4-13, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/21812/14142>. Acesso em: 11 de maio de 2020.
- SANTOS, R. T. O neoliberalismo como linguagem política da pandemia: a Saúde Coletiva e a resposta aos impactos sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300211, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300211>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200310&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2021.
- SILVA, G. M.; RASERA, E. F. A construção do SUS-problema no jornal Folha de S. Paulo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, n. 1, p. 61-76, jan./mar. 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013005000012>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702014000100061&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 maio 2021.
- SILVA, T. M. G.; BERNUCI, M. P. Pandemias e sociedades: reflexões para a promoção da saúde em tempos e Covid-19. *In*: SILVA, T. M. G.; BERNUCI, M. P. (org.). **Olhares interdisciplinares sobre a pandemia de Covid-19**: abordagens para a promoção da saúde. Maringá: Massoni, 2020, p. 17-30.
- URIBE, G.; CHAIB, J.; COLETTA, R. D. Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar. **Folha de S. Paulo**. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em: 26 maio 2021.
- VILLELA, E. F. M.; NATAL, D. Mídia, saúde e poder: um jogo de representações sobre dengue. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, jul./set. 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300022>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2014.v23n3/1007-1017/>. Acesso em: 26 maio 2021.
- WOITOWICZ, K. J. **Imagem contestada**: a guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916). Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2015. 327p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Comunicação de riscos em emergências de saúde pública.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/259807/9789248550201-por.pdf?ua=1>. Acesso em: 26 maio 2021.

Submissão: 24/06/2022

Aceito: 11/07/2022